

### PROJETO: "HISTÓRIA DA UFJF"

#### Formulário de registro das informações sobre a entrevista

**Instituição responsável pela custódia:** Universidade Federal de Juiz de Fora.

**Localização:** Projeto "História da UFJF" - SALA CIII 12.

**Código de Referência:** 10

**Entrevista Nº.:** 10

**Tipo de Arquivamento:** Áudio, Vídeo e impresso.

**Fundo/Coleção:** Entrevistas Projeto "História da UFJF"

#### Detalhamento dos objetivos e natureza da Entrevista

História de Vida: ( )

História Oral Temática: ( X )

Tradição Oral: ( )

Linha de pesquisa: Memória da UFJF

Projeto de pesquisa: "História da UFJF".

Responsável (s) pelo projeto de pesquisa: Marcos Olender (coordenador Geral)

Camila Gonçalves S. Figueiredo (Coordenadora Executiva)

Objetivos da coleta do depoimento: A coleta do depoimento tem por objetivo a constituição de acervo de depoimentos orais de indivíduos que possuem experiências na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, ao longo da sua história.

#### Dados Pessoais do Entrevistado

Nome: Claudia Maria Ribeiro Viscardi

Data de Nascimento: (Não informado)

Cidade: Juiz de Fora

Estado: MG

Nacionalidade: Brasileira

Sexo: ( ) M ( X ) F

Estado Civil: Separada

Demais informações/dados para contato: Lad. Alexandre Leonel 810, nº 201, Cascatinha, Juiz de Fora.

Telefone:

e-mail:

#### Atuação profissional

Formação: Pós-Doutorado

Cargo/função: Professora/Pesquisadora

Trajectoria profissional: Foi professora de inglês no Number One, depois deu aula na rede Cenecista, atualmente é professora e pesquisadora da UFJF.

#### Dados do Conteúdo da Entrevista

Sumário da Entrevista:

[00:01 - 04:00]

Trajectoria de Vida: infância, juventude, formação profissional.

[04:00 – 17:06]

Cidade de Juiz de fora; participação no sindicato dos professores; filiação partidária; participação no movimento estudantil; greves; questão religiosa; movimentação cultural na UFJF; ontem e hoje; política e economia nacional.

[17:06 – 33:50]

Formalidades institucionais; alterações na grade do curso de História; metodologias de trabalho, aulas e avaliações; recursos e ferramentas didáticas; Reuni; trajetória profissional na UFJF e fora dela;

[33:50 – 47:25]

Dificuldades financeiras e estruturais da UFJF; relação da UFJF e a cidade de Juiz de Fora; Influência da UFJF na realização de sonhos individuais e coletivos.

[47:25 – 54:08]

Papel da ciência na sociedade; papel do professor na sociedade e vislumbre da UFJF daqui a 50 anos; Prouni; Capital estrangeiro nas universidades.

Palavras-Chave: Professora, pesquisadora, historiadora.

Resumo: *(informações gerais do conteúdo da entrevista)*

A entrevista trata da trajetória da professora Cláudia Maria Ribeiro Viscardi enquanto aluna, professora na Universidade Federal de Juiz de Fora.

#### Dados Técnicos Entrevista

Data da realização da entrevista: 10/06/2013

Local (completo): Laboratório de História Política Social – Instituto de Ciências humanas – UFJF.

Duração: 55 minutos

Nº de fitas e/ou tempo de gravação: 2 áudios e 2 vídeos

Números de identificação das fitas e/ou do arquivo em áudio: 10

Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Eduardo Barbosa

Entrevistador: Eduardo Barbosa

Cinegrafista: *(quando houver)*: Carolina Martins Saporetti.

Auxiliar (s) Técnico: *(quando houver)*

Responsável pela transcrição: Eliene da Silva Nogueira

Data da transcrição: Início: 04/11/2013

Conclusão: 12/12/2013

Responsável pela conferência da transcrição:

Data da conferência da transcrição: 25/11/2013

Responsável pela edição de texto *(se houver)*:

Especificações da edição de texto *(se realizada)*:

Data de assinatura do termo de autorização: 10/06/2013

*(quando a autorização não ocorreu no ato da entrevista também especificar a data)*

Data da liberação: dd/mm/aaaa

*(somente quando o entrevistado solicitou o sigilo por um prazo determinado ou até a sua morte)*

Qtde. de páginas transcritas: 21

Endereço para acesso eletrônico do arquivo em áudio:

Endereço para acesso eletrônico da transcrição:

Observações relevantes: A entrevista foi realizada no LAPHS, localizado no 3º andar no prédio do novo ICH.

**Inserir Declaração de Cessão de Direitos autorais (versão digitalizada)**

### Transcrição da Entrevista

[00:01] Cláudia: (está tossido)

[00:02] Eduardo: O Cláudia então a gente vai começar a entrevista para o Projeto História da UFJF né, e agente eu queria que você primeiro formalidades mesmo, falasse um pouco do início, trajetória de vida desde o nascimento, se você é aqui de Juiz de Fora?

[00:16] Cláudia: Desde o nascimento? I vai demorar muito tempo (risos).

Eduardo: Pois é, pode ser.

[00:21] Cláudia: Bom, sou daqui de Juiz de Fora é trajetória, assim, acadêmica assim, vida escolar?

[00:30] Eduardo: É pode ser de onde você veio, como você descobriu a cidade, a Universidade e é?

[00:36] Cláudia: Tá. Bom é eu sou de uma primeira geração da minha família que cursou o ensino superior, meus pais eram semianalfabetos e estudei em escola pública a vida toda, com o diferencial que foi bem marcante na minha vida que na adolescência fiz um intercâmbio. Sem dinheiro, fiz um intercâmbio nos Estados Unidos e acho que foi meio definidor na minha vida. Porque até então eu ia fazer engenharia, porque tinha muita, é muita facilidade com matemática, e quando eu fui pro Estados Unidos fui convencida a fazer engenharia. Mas aí quando cheguei lá minha cabeça virou totalmente, me tornei marxista (risos) aos 17 anos estudando os livros da biblioteca da escola aonde estudei aí voltei querendo fazer história. E já era assim, não tinha opção de fazer em outra Universidade, porque eu sou de uma geração que não tinha essa coisa de você tentar vários vestibulares. De uma família muito pobre também, então eu só podia tentar a UFJF, e aí eu fiz história, aí começou a vivência aqui na Universidade na graduação. É fiz 4 anos de graduação, depois fiz o mestrado, quando eu formei em dezembro, mas já tinha passado no mestrado na UFMG em ciências política no antigo, no DCP, Departamento de Ciência Política. E como as coisas eram muito mais fáceis pra minha geração é no primeiro ano de mestrado eu já pude prestar concurso aqui pra Universidade. Então eu fiz concurso fazendo mestrado e passei, e me tornei professora universitária junto com 8 colegas que eram da minha sala de aula. Então eu cheguei a dar aula pros meus colegas de sala que estavam atrasados, que aí eu comecei a dar aula peguei muitos

veteranos né, pessoas até mais velha do que eu. Então eu entrei pra Universidade com 26 anos de idade, comecei a dar aula aqui, aí terminei o meu mestrado, depois a assumir uns cargos de chefia aqui né, no departamento, liberação de curso. E tive uma liberação pro doutorado aí fui fazer no Rio de Janeiro, tive 4 anos de licença. Fiz na UFRJ o doutorado e terminei em 99, e depois é aí quando é depois do doutorado eu assumi o cargo de coordenadora de curso, mais chefe do departamento de novo e depois fui ser pró-reitora de pesquisa aqui, no segundo reitorado da Margarida. É atuei como pró-reitora, durante essa fase que eu estava na reitoria é que a gente criou o curso de pós-graduação aqui. Eu ajudei a fazer o projeto, fiz parte da comissão né.

[03:15] Eduardo: Você lembra quando foi isso?

[03:16] Cláudia: Foi em 2004 né, acho que 2004, eu fiquei na pró-reitoria de 2002 a 2006, em 2004 a gente criou o mestrado. Aí acabou a pró reitoria, minha gestão lá, aí eu é dei aula um ano e pedi licença pro pós-doutorado, aí fiz o pós-doutorado em Chester na Inglaterra e voltei em 2008 né, aí a partir daí me tornei pesquisadora da CNPQ e também do programa do pesquisador mineiro da FAPMIG e não assumi mais cargos felizmente ( risos). Aí comecei a só dedicar a vida acadêmica, aí foi quando a gente fundou o LAHPs, laboratório e tal.

[04:00] Eduardo: Então o Cláudia eu queria assim, pra saber um pouca da questão quando você se graduou aqui na Universidade como era o contexto de Juiz de Fora na questão política, econômica, isso foi quando que você terminou?

[04:14] Cláudia: Eu terminei em 85.

Eduardo: Em 85?

[04:17] Cláudia: Final de 85 foi quando eu terminei a graduação, a gente tava na, começando a transição democrática né. Quando eu era estudando a gente participou de todos os movimentos pela redemocratização, até das diretas me lembro muito e é caras pintadas eu já era professora não participei. Mas aí é depois que eu formei esse era o contexto de transição para a democracia é, não sei eu me lembro de uma primeira eleição de reitor que eu participei ativamente aqui. Que é foi uma conjuntura até complicada, porque a gente não tinha eleição de reitores, os reitores eram indicados né. Então é a gente fez uma eleição na marra uma vez quando eu ainda era estudante de história, foi a primeira vez que a gente elegeu a Margarida como reitora, mas ela não foi indicada pelo governo, ela ganhou, mas não levou. Foi indicado

um reitor chamado Marcicano que ele foi indicado o reitor, mas ele fez uma espécie de uma transição. Ele chamou a turma da Margarida o pessoal da oposição pra governar com ele, aí nesse momento a oposição rachou né, teve uma turma que concordou em fazer parte da administração dele, mesmo ele sendo um reitor indicado pelo governo militar e outros que eu estava que não concordavam, achávamos que tínhamos que boicotar. Isso é uma coisa da juventude né, hoje eu acho que o certo seria ter composto com ele, mas na época a gente não aceitou e lançou uma candidatura alternativa a reitor. Aí eu já era professora recém contratada na Universidade, recém empoçada e a gente entrou numa candidatura que era do Beto Crivelari né, e é um professor da psicologia aqui e era uma candidatura alternativa mesmo a gente teve 14 ou 15 votos de professor só (risos). O resto a gente teve quase 80% dos votos dos alunos, dos estudantes e alguns técnicos, mas era uma candidatura de base mesmo da moçada né, e naquele tempo eu era moçada, eu tinha 26 anos. Então não é e ele teve muito apoio do Departamento de História né, e o Departamento de História tinha uma outra candidatura oficial né que era da Maria José Felis, professora Zezé que professora do departamento, mas entre os colegas do departamento a maioria ainda votou no Crivelari. E a gente fez uma campanha muito legal, uma campanha muito bonita né, o lema era arrisque o seu voto, que a gente votava numa candidatura completamente alternativa. O vice dele era o André Pires que é músico né, até hoje dá aula aí, foi maestro do coral da Universidade muitos anos. E foi uma campanha que eu me envolvi muito então esse período era um período de transição mesmo para a democracia, que era o período também o PT havia se fundado há pouco tempo. Então eu já estava vinculada ao PT e era uma turma que tinha uma proposta menos conciliadora né após a transição democrática né. Então ela queria caminhar isolado mesmo para chegar ao poder, era o projeto nosso naquele momento. A gente queria chegar ao poder na Universidade e no Brasil também. Então a gente lançou essa candidatura, era uma candidatura que reunia o PT, mas teve pouquíssimos votos o PT era pequeno nesse período, eu me lembro muito disso.

[07:37] Eduardo: Sim. É você falou muito da questão da organização sindical dos estudantes e tal e como é que era a organização, assim, é pensando no contexto da transição mesmo em Juiz de Fora, principalmente, o sindicato dos professores das organizações sociais mobilizando para essa transição democrática aí \*(Trecho inaudível).

[07:59] Claudia: É a gente tinha a a Apes. Apes foi muito importante né, nosso sindicato, porque nós éramos a única categoria que peitava a ditadura militar, a gente fazia greve né, os

professores universitários. A gente ganhava muito mal né, e a gente fazia uma greve também de muita resistência política né ao governo. Então era uma das poucas categorias que tinha esse enfrentamento. Eu participei claro, fui diretora do sindicato da Apes, participei de todos comandos de greve na ocasião né e os movimentos que a gente fazia, era um movimento como não tinha rede social era de rua mesmo né, passeatas, sensibilização da comunidade né. Então tinha uma militância muito legal né que, quer dizer eu era jovem quando eu entrei então a maioria das pessoas, eram pessoas que tinham de alguma forma tinham resistido à ditadura ou sido até preso né, não era dessa geração. Eu fui criança na época da ditadura, então quando jovem já estava na transição né. Então não peguei assim nada da é de ser presa, nada disso da ditadura. Eu peguei já na transição mesmo, na juventude, mas os meus colegas que eram mais velhos tinham vivido todas essas etapas. Então eu aprendi muito com eles, assim, participava da militância eles coordenando né e eu tava só começando ali, a trajetória política aqui dentro.

[09:30] Eduardo: E o DCE tinha algum papel nisso, você se envolveu de alguma forma com DDE?

[09:34] Claudia: Não, não me envolvi com o DCE. Eu era do CA de História, porque eu particularmente tive uma militância religiosa na juventude muito intensa né. Então eu não militava muito politicamente né, eu militava no campo da religião. Então.

[09:49] Eduardo: Eu cheguei a entrevistar a Mônica né, e ela falou que vocês criaram o projeto Semente.

Claudia: Grupo Semente, um dos fundadores.

[09:57] Eduardo: O CA hoje está apoiando \*(Trecho inaudível)

Claudia: Pois é o Fabio me falou.

Eduardo: E isso faz parte desse movimento que vocês trabalharam né.

Claudia: É.

Eduardo: Na comunidade.

Claudia: Era aqui no Dom Bosco.

Eduardo: Como é que \*(Trecho inaudível) processo de criação?

[10:08] Claudia: É que na verdade nós éramos espíritas né, de família espírita Kardecista, e eu particularmente era da liderança movimento jovem espírita né. Só que a gente entrou numa de da uma esquerdizada no espiritismo né, no movimento espírita. O que a teologia da libertação da Igreja Católica foi a influência do marxismo na Igreja Católica nos anos 60, o espiritismo só vai viver isso nos anos 80 né, foi meio tardio. Então tinha uma equipe de São Paulo que veio fazer nossa cabeça aí em levar o espiritismo para as periferias. O espiritismo sempre foi uma religião de classe média e alta né, só não éramos classe média nem alta, mas nós fazíamos parte do grupo. Ai nós começamos a introduzir essa ideia do espiritismo pras periferias, e fundamos o primeiro grupo espírita na favela, ali no Dom Bosco né, que era conhecido na época como chapadão. Não sei se tem esse nome ainda, e nós é nós éramos jovens, assim, 18,19 anos. Nós fundamos esse grupo e ali nós fazíamos trabalho social, tirava piolho de criança, bicho de pé, dava aula sexualidade é sexualidade humana, ajudava com material escolar, acompanhamento escolar né. E o que a gente menos fazia era ensinar o espiritismo (risos), por isso a gente era muito criticado pelo movimento espírita. Aí teve uma candidatura de um reitor aqui o Pacine que era líder do movimento espírita, e a gente se opôs a ele né e foi um problema muito sério, porque eu era uma liderança espírita, mas na universidade eu não votava com os espíritas. Aí isso meio que me tirou do movimento né, eu me sinto assim meio que expulsa do movimento espírita. Eu saí porque eu quis, mas é mas era uma pessoa não grata, e no nosso grupo não foi muito bem aceito, Semente não era muito bem aceito no movimento espírita. Hoje eu acho até que é, mas é a gente militou no Semente durante muitos anos até o, deixei de ser espírita aí eu abandonei tudo.

[12:10] Eduardo: E a pensando na Universidade nesse período de 80, 90 nessa transição como é que você, que você se lembre à questão da infraestrutura das áreas de lazer, se você se relacionava um pouco com isso, os domingos culturais?

[12:28] Carolina: Ah isso era ótimo!

Eduardo: Essas coisas que haviam na Universidade assim nesse período?

[12:31] Claudia: Bom em termos de infraestrutura nem se compara, hoje é muito melhor né. Nós não tínhamos equipamentos, nós não tínhamos recurso pra nada né. Isso até os anos 90, até os anos 2000, quando eu fui pró-reitora eu peguei 3 anos do governo FHC ainda né, e a

gente não tinha dinheiro pra pagar conta de luz né. A Universidade era muito precária não tinha dinheiro pra nada, hoje, assim, é uma riqueza incompreensível né, mas do ponto de vista cultural era totalmente diferente, porque é nós tínhamos o o habito é né de ver filme em conjunto, discutir cinema, então tinha show né. Muitos alunos músicos, e às vezes até músicos de fora vinham tocar aqui no som aberto que a gente tinha né, na praça cívica. Tinha vários sons abertos, projeto aquários, que era da orquestra sinfônica brasileira vinha aqui apresentava os shows, é show de inauguração da Mercedes Benz o Skank veio aqui. Então era, assim, do ponto de vista cultural muito mais ativo né, e em termos também de eventos, quer dizer as semanas de Histórias que a gente promoveu, eu como estudante de história também promovi a semana de História. Eram semanas que vinham grandes intelectuais brasileiros pra cá e tinha, e ficava lotado o anfiteatro né. É eu me lembro muito quando o Luis Carlos Preste voltando na anistia veio fazer uma palestra aqui né, no antigo Ich. E eu me lembro quando o Preste entrou no anfiteatro, o anfiteatro inteiro de pé, lotado, gente saindo pelo ladrão aplaudindo ele, ele ficou muito emocionado né, e foi uma palestra belíssima. Então você tinha esses grandes eventos, eu lembro que nós fizemos um debate aqui, eu era estudante, sobre a Revolução de 30. Que vieram os grandes historiadores sobre a Revolução de 30, na época o Boris Fausto, Luiz Werneck Vianna né, o Edgar de Decca, e agente discutia os professores junto com os alunos né de igual pra igual. Era um debate muito frutífero, então eu sinto falta de dessa energia acadêmica, essa energia acadêmica, essa energia cultural que se perdeu completamente né. Não sei porque que se perdeu, mas isso se perdeu completamente. Hoje assim cada um cuida muito da sua carreira, do seu Lattes né, os próprios estudantes e vem na aula fica o mínimo possível né, e eu me lembro que as minhas aulas eram muito melhores né do que as que eu dou hoje (risos) não que os professores fossem melhores. Eu acho até que nós somos mais qualificados, mas eu acho que o dialogo com o estudante era muito maior em sala de aula, os estudantes participavam mais da aula verbalmente né, eu acho que era um clima diferente do que a gente vê hoje.

[15:17] Eduardo: É bom interessante. Agora eu queria que você falasse um pouco sobre essas questões da da das greves. Se houve alguma greve aqui importante nesse período de de dessa transição democrática, mas pra frente assim teve alguma greve que você teve participação importante?

[15:36] Claudia: Teve uma greve muito importante foi de 87, que era o ano que eu estava entrando. Essa greve é considerada uma das greves mais vitoriosas para nossa carreira, porque

é uma greve que queria equiparar o salário das das universidades. Tinham universidades que eram autarquias e outras que eram fundações, e as fundações ganhavam muito mais do que a nossas e era o mesmo trabalho né. Então a gente reivindicava a equiparação salarial, então a gente ganhou. Então eu entrei com um salário super baixo e de repente...

[16:06] Eduardo: Nessa época você já era professora?

[16:07] Claudia: Já era professora, recém contratada em 87. Eu entrei em julho de 87, aí essa greve foi daí dois meses depois né, eu só sei que meu salário subiu tanto que eu comprei um carro (risos). Então era, foi uma greve que a gente teve muito ganho né, muito ganho salarial né. E depois nós fizemos greve todos os anos, era assim mais ou menos de 2 em 2 anos, era repor o calendário e greve, repor o calendário e greve. Isso foi os anos 80, final dos anos 80 e os anos 90 todos né. Nós só tivemos uma trégua no Lula, quando o Lula entrou, porque melhorou muito a nossa condição de trabalho, nosso salário e ficamos um tempão até essa greve do ano passado. Que foi a greve da Dilma né, mas os dois governos do Lula, nós tivemos uma greve só no início do governo dele e depois não tivemos mais. Mas fora isso, meu filho, por exemplo, que foi aluno do João XXIII era greve todo ano. Nunca tive férias em janeiro, pagando greve, então participei de todas.

[17:06] Eduardo: Então é agora pensando nas formalidades acadêmicas e essas questões principalmente do curso da História né, como é que era essa questão tipo é colação de grau, é as próprias semanas, se existia um diálogo entre as semanas de História e outras coisas, participação dos estudantes você já disse que era bem maior, os meninos eram mais mais participativos né?

Eduardo: É a impressão que dava.

Claudia: Agora tem uma diferença que a Universidade era mais vazia.

Eduardo: As calouradas?

[17:37] Claudia: Calouradas. Universidade era mais vazia, você não tinha tantos alunos como você tem hoje e nem a diversidade racial que você tem hoje. Não havia política de cota e as vagas eram poucas, não havia ensino noturno né, o turno noturno. Então a gente dava aula só de manhã pra 20 alunos, 15 alunos, a universidade era muito pequena. É a formatura a gente achava uma grande bobagem e a gente continua achando até hoje (risos) minha geração, quer

dizer eu me lembro que a gente, eu me recusei a formar a colar grau, tive que colar grau separado por ventura, sozinha, porque eu achava uma babaquice uma coisa burguesa né. A gente tinha horror da burguesia e manifestava-se até na forma de vestir né, eu me lembro que eu andava com uma boina com um broche do Lênin era a forma como a gente se vestia né. O comportamento muito diferente né, sexual, vestimenta era muito diferente, tipo de música que se curtia né era completamente diferente. Ouvia muito MPB e então as calouradas eram esses eventos de MPB mesmo né, claro que sempre tinha o rock às drogas sempre existiu né, mas formatura a gente achava uma bobagem. A gente não comparecia, às vezes às vezes fazia protesto né, como não tinha festa de quinze anos também a gente achava um bobagem festa de quinze anos né. Então é uma outra geração, uma geração que foi criada na ditadura e que tinha esse compromisso político, tinha uma ideologia né de democratizar o Brasil, nós éramos todos socialistas né, a gente estudava o ensino era muito marxista, então a gente os nossos livros eram livros muito marxistas. Então a gente tinha recebia assim uma doutrinação ideológica mesmo né, claro que a gente tinha professores que não eram marxistas, mas esses a gente repudiava e coincidentemente ou não eles não eram os melhores professores né, os mais estudiosos mesmo eram os professores marxistas. Então a gente tinha essa fundamentação quase que religiosa dentro do marxismo e isso pautada nossa vida, pautava nossa vida sexual, nossa vida de lazer, nossa vida musical né, a nossa forma de vestir, nossa militância política, a gente era pautado pela ideologia e isso era muito legal. Agora a Universidade era vazia em relação o que é hoje né.

Eduardo: Unhum.

Claudia: Você imaginar que eu dou aula pra 55 alunos, não existia isso né.

[19:59] Eduardo: Existia menos alunos, mas de certa forma as manifestações culturais elas eram mais...

Claudia: mais intensas eu acho.

Eduardo: mais intensas.

[20:06] Claudia: Até a própria relação com a professora, eu me lembro que eu que eu fazia um curso de História do Brasil, eu me lembro História do Brasil colonial, acabava a aula a gente saía com o professor a pé continuando a aula discutindo aquilo no anel viário. Então e o interesse da gente assim era muito grande, assim não sei se era a minha turma, minha turma

era uma turma muito boa, a gente era muito estudioso né, todos os professores falavam isso. Então a gente tinha grupos de estudos né nas nossas casas e a gente discutia muito, vinha pra aula com tudo lido, uma discussão já elaborada pra participar da aula. Então eu acho que era muito melhor assim em termos de, a minha turma não posso dizer pra todos.

[20:50] Eduardo: E como é que era funcionava a grande aqui do curso da História nesse período?

[20:55] Cláudia: Bom a grade era uma grade do currículo anterior ao que vocês estão hoje né, quando eu quando eu fui coordenadora de curso eu fiz essa reforma curricular que está em vigor até hoje. Então era uma grade dividida é é meio samba do crioulo doido. Você tinha uma divisão espacial, uma divisão cronológica e uma divisão temática do curso. Então você tinha, temática você tinha: História econômica, História da arte, História das ideias políticas, cronológica aí você tinha: antiga, medieval, moderna, contemporânea, colônia, império e república; E você tinha também uma divisão espacial: então tinha História do extremo oriente, História da civilização Ibérica e História da América. Então acabava que eram três critérios que pautava o curso, o curso ficava um pouco confuso e era um curso longo. Demoravam 4 anos, mas as aulas começavam as sete da manhã até meio dia, então você tinha 5 aulas por dia, então curso ficava alongado em 4 anos, não tinha o noturno, o noturno foi implantado eu já era professora né. Quando implantamos o noturno eu eu na coordenação é chefeei, gerei essa mudança curricular a gente estabeleceu dois turnos iguais, porque quando foi criado o turno noturno, como não dava pra começar a aula seis horas porque as pessoas trabalhavam ainda, as aulas começavam as sete do noturno. Então o noturno tinha menos aula que o diurno, então o noturno eram 5 anos e o diurno 4 anos, aí quando eu fiz a reforma curricular, claro que com a aprovação unanime de todos colegas, unanime não teve um professor contra. O professor Anderson era contra a reforma curricular, mas os demais todos aprovaram aí nós equiparamos o diurno com o noturno, os dois 4 anos, e passávamos o diurno pras oito horas que era o mais razoável né aí equivalemos os dois cursos, fizemos a equivalência dos turnos. E aí acabamos com as disciplinas temáticas comas ideias políticas, artes, história econômica e trabalha e e acabamos com a de local, só ficou Brasil e América. Acabou \*(Trecho inaudível) contemporânea, não existia história da África porque não era obrigado né, aí a gente manteve a estrutura cronológica e a estrutura de tópicos né opcionais né. Então tem uma base cronológica mínima e os tópicos como disciplinas opcionais, nós precisamos fazer isso, por a gente estava criando a pós-graduação, tava no nosso horizonte, nós não nós tínhamos um um

uma visão de longo prazo muito interessante no departamento. Todo mundo era mestre e ninguém era doutor e a gente precisava transformar, a gente tinha um plano mais ou menos de 10 anos de transformar todo mundo doutor e criar o programa de pós-graduação, e a gente pensou isso estrategicamente, a gente pensou assim nós vamos liberar de dois a quatro professores de de licença durante quatro anos pra terminar o doutorado o máximo que a gente puder, a gente se arreventou. Porque quem ficou, quem ficava mais que se matava de trabalhar pros outros poderem sair e terminar o doutorado. A gente criou a revista Locus em 95, tudo já pensando na pós-graduação criamos uma revista, criamos um núcleo de pesquisa que era o Núcleo de História Regional, foi o primeiro núcleo de pesquisa aqui e liberamos todo mundo quem quisesse saia todo mundo que quis, só não saiu porque não quis, todo mundo que quis saiu. Saia voltava, saia o outro voltava aí com esse com esse movimento que nós fizemos aí nós precisamos enxugar o currículo, porque pra criar o mestrado com o mesmo número de professor, a gente tinha 19 professores.

[24:21] Eduardo: Naquela época as contratações não eram tão...

[24:24] Claudia: Não, não existia. O cara aposentava você perdia a vaga, você tinha que rezar para o cara não aposentar. A sorte é que nós éramos da mesma geração, a geração antiga aposentou e nós tínhamos tanto é que nós somos da mesma geração hoje no departamento né, tirando o Galba que se aposentou agora, todo mundo estava, todo mundo do departamento hoje tem quarenta e cinquenta anos né, quarenta e cinquenta e cinco anos vamos pensar assim é a mesma geração, e a gente entrou todos sem título então e a gente entrou com essa com esse objetivo de investir na pesquisa. Porque os nossos professores não eram pesquisadores né, nós tínhamos assim professores mestres que publicaram livros e era o Máximo que eles chegavam que a professora Silvia a professora Leda que eram eles que nos incentivaram a pós-graduação eram os nossos professores, únicos professores titulares praticamente que nós tínhamos, não tinha pesquisa no curso de História era só, a gente era formado pro ensino. E a gente de outra geração tinha esse desafio aí que a gente fez, a gente fez esse programa ousado de capacitação, mexeu no currículo pra diminuir o currículo pra gente poder manter os dois turnos e criar o programa de pós graduação. Criamos a revista, criamos o núcleo de pesquisa e fundamos o mestrado daí a três quatro anos a gente já conseguiu fazer o doutorado né, isso da mesma geração.

[25:46] Eduardo: Conseguiram mudar bem né.

[25:47] Claudia: Muito, muito. É viramos uma outra Universidade, porque aí começam as bolsas de iniciação científica aí você já vai formando a aluno para pesquisa, não existia essa quantidade bolsa que tem hoje, esses laboratórios todos equipados aqui com recurso pra caramba, isso não existia. Não existia nada!

[26:02] Eduardo: Aí depois vem o Reuni também aí vocês já estavam com o arcabouço mais ou menos...

Claudia: É o Reuni é outro momento.

Eduardo: Não mais assim vocês criaram os mestrados e os doutorados os professores conseguiu já chegar com um nível bom pra...

Claudia: É mais a gente se recusou a entrar no Reuni né quer dizer.

Eduardo: Assim, de certa forma né?

[26:18] Claudia: É a gente entrou a gente se recusou a entrar no bacharelado, no BI. Mais isso foi uma discussão que nós travamos aqui, foi uma discussão muito madura muito legã. Que a gente entrou apoiando, mas a gente não entrou no BI né, numa forma de entrada própria, isso de certa forma nos preservou, mas a gente ganhou pouco com Reuni né, quanto o curso de Turismo de Artes ganharam aí 20, 30 professores, nós ganhamos 3 professores. Então nossa entrada, a nossa não entrada no BI nos fragilizou né, hoje nós somos um corpo de 23 professores, se agente tivesse entrado de cabeça talvez a gente tivesse aí um ganho muito maior, mas foi uma opção que gente que eu considero correta.

Eduardo: É o acho que o Carrara e alguns professores dão aula pra o BI.

Claudia: Dão.

Eduardo: como troca?

[27:06] Claudia: Sim. A nossa entrada é assim a gente oferece disciplina pra eles e eles cursam disciplina aqui. Então a gente oferece pra eles as disciplinas e proporcionalmente nós ganhamos 3 professores para 6 disciplinas que nós oferecemos, então ficou um professor para cada duas disciplinas. Mas eu acho que faltou um pouco de fôlego, na época eu a gente tinha uma ideia de propor um curso novo, fazer a faculdade de com História com o curso de

Museologia, Arquivologia, mas aí faltou fôlego né, nós éramos muito poucos, estamos criando a pós-graduação aí você e eu estava afastada pro pós-doutorado né. Eu me lembro que quando o Reuni foi aprovado com polícia na reitoria eu vi pela internet né, porque eu estava no estava na Inglaterra. Então num num a gente não teve assim, eu tava licenciada mais uma pessoa estava também, a gente não teve muito fôlego, mas a gente teve fôlego pra bancar a nossa não entrada (risos) né, mas criar algo novo pra expandir a gente não conseguiu.

[28:05] Eduardo: Entendi. Agora você falou que sua própria sua aula no começo e tal você achava que era uma aula melhor, eu queria que você fizesse uma análise de desde que você começou a lecionar aqui na Universidade quais foram suas praticas de ensino, se mudou alguma coisa, se o reflexo do aumento de alunos fez você mudar as suas aulas?

[28:26] Carolina: Você chegou a dá aula em outro lugar além da Universidade?

[28:29] Claudia: Sim. Bom primeiro começar pela pergunta dela. Quando era estudante era mais fácil da gente conseguir aula pra dar quando estudante, porque o mercado era menor né. Como eu tinha feitor intercambio, eu dava aula de inglês que pagava melhor, eu dava aula no Number One, é aí pagava melhor aula, a hora aula, então eu dava aula de inglês. Dei aula também de história nos colégios da Cenec é que é uma cooperativa né é privada, com algumas convenções públicas tinha umas escolas. Eu dei aula no Nossa Senha de Aparecida na escola...

Eduardo: Acho Chicão do arquivo da prefeitura deu aula nessa rede.

Claudia: É eu dei aula na rede Cenec existe até hoje, essa rede Cenecista.

Eduardo: É, mas ela não é mas tão...

Claudia: Não é tão grande. Juiz de fora tinha vários colégios da Cenec. Eu dei aula em Santa Luzia no colégio Rui Barbosa, dei aula nesse colégio Vinicius de Moraes e lancei a primeira greve da rede Cenecista (risos) ainda como estudante de História né, a gente fez uma primeira greve na rede Cenecista, greve de professor mesmo e e todas as vezes eu fui demitida por causa de envolvimento político né. Até do Number One eu fui demitida (Carol: risos) porque eu briguei pelo fundo de garantia que eles não estavam depositando né. Então dei aula 2 anos no Number One e fui demitida, dei aula no Vinicius de Moraes e fui demitida tudo por causa de greve né, se eu não entrasse pro serviço público eu estava sempre desempregada. E mais eu

dei, aí depois eu dei aula num cursinho pré-vestibular que chamava Ita Supletivo, funcionava ali na esquina da Batista aonde é o Meta, funcionava ali onde é o Meta. Acho até que o povo do Ita que fundou o Meta, mas eu cheguei a dar aula lá, depois passei pra Universidade e aí entrei em dedicação exclusiva. Agora aula o que que é, pode ser saudosismo né eu achava as aulas mais dinâmicas, assim, os alunos participavam mais da aula, porque hoje quando você propõe uma questão pro aluno são raros os alunos que participam da aula, você propõe um texto são raros os alunos que vem com o texto lido pra aula, então não rola discussão você não leu o texto né, não rola discussão. E os professores também, eu acho que por eles terem se capacitado muito criou uma distancia muito grande entre o professor e o aluno. Hoje você tem professor pós-doutor e o aluno tá começando ali, antão muitas vezes esse professor não tem paciência de ouvir o aluno, é de dá oportunidade pra ele falar né. Então ele acaba e como a nossa a exigência do nosso a nossa carga de trabalho é muito grande, quer dizer, o que menos você faz é da aula né, você dá oito aulas por semana. O que mais você trabalha na Universidade é pesquisa, é extensão, é orientação. Então pro exemplo você tem que ir em banca, aí você tem no mínimo três dissertações pra você ler numa semana cada uma de 150 paginas, você tem que escrever, você tem que corrigir o projeto do aluno, você tem que orientar o aluno, então assim, é a gente chega na aula na sala de aula esgotado. Não é como os meus professores, os meus professores só davam aula. O numero que eles davam aula também eram 12 aulas por semana, aí você imagina você não faz mais nada na sua vida, só vem dá 12 aulas por semana, suas aulas são melhor preparadas é óbvio. Você ta mais descansado, você tá mais animado e você ta formando só só professor, você não ta formando um pesquisador. Então você tem menos compromisso em formar aquele aluno como pesquisador, você forma ele pra dar aula. Talvez por isso os nossos eu achava as aulas melhores do que as aulas que eu dou por exemplo, porque você chega esgotado, você tá cansado né, você tem que sair correndo dali, as vezes você tem que faltar aula pra entregar um relatório, você tem que sair correndo dali terminar a aula mais cedo pra você nem fazer, nem almoçar direito já tem que ter um monte de reunião né. Então hoje o esquema sobre o professor é completamente diferente né, a sua produção é medida pelo seu Lattes, ninguém quer saber se sua aula é boa, ninguém ninguém quer saber se o aluno gosta de você, se você é um professor didático, se sua aula ta profunda ou não. Eles querem saber quantos artigos você ta publicando, quantas pessoas você ta orientando né, quantas bolsas você tem, quanto dinheiro você trás pra Universidade né. Então eu acho que essa relação prejudicou muito a relação professor aluno, que virou uma relação apressada na verdade eu sinto que eu só formo bem os alunos que estão aqui no meu laboratório de iniciação científica. Ex-alunos eu consigo formar, porque eu faço

grupo de estudos com eles, eu leio as coisas que eles escrevem, eu discuto os temas deles, esses alunos eu to formando. Agora os alunos que cinquenta e tantos, vou falar sinceramente com vocês as vezes não sei nem o nome, porque como que você vai acompanha 52 alunos, 55 alunos acabou isso. Então é você informa, informar.

Carolina: 55 por período né?

Claudia: Por período claro. Então formar, eu formo assim 3, 4 por ano. É a turma que eu mando pro mestrado né. Essa turma eu to formando, agora a maioria eu to informando, o que eles vão fazer com essa informação que eu to dando é um problema deles né. Claro que eu me preocupo, eu acho que está errado né, mas essa lógica é muito difícil de ser superada. Acho impossível! Não tem retorno.

[33:50] Eduardo: É então eu queria pegar só um pouco o ponto dessa evolução da Universidade na questão da infraestrutura né, você falou que cultura era um pouco melhor é tal, mas a infraestrutura é e principalmente essa questão da informatização do sistema, o Siga, se é esse avanço dessa chegada de novos equipamentos na Universidade, que teve também essa questão financeira do Reuni né, como é que é sua análise desse desenvolvimento?

[34:16] Claudia: Bom, primeiro que isso não começa com o Reuni, começa bem antes com o governo Lula, é o segundo ano do governo Lula as coisas começam a melhorar pra Universidade, claro que o país também começa crescer né e você passa a ter mais dinheiro e eu só peguei uma disso como pró reitora foi uma pena né, porque a gente passava tanto alto sufoco financeiro eu como pró reitora e a gente não tinha dinheiro pra nada, a gente tinha que ter ideia, a gente tinha muita ideia. Então nós montamos vários programas, o programa de iniciação científica junior por exemplo que é por alunos das escolas públicas e das escolas do ensino médio, o programa de bolsa enxoval, até grupo de pesquisa, tudo isso era da minha gestão, só que a gente tinha pouquíssimo dinheiro. Então a gente tinha muita ideia, a gente trabalhava muito. No governo Lula as coisas começou a mudar, o dinheiro começou a entrar pra Universidade, mas aí nós perdemos as eleições né, é foi o segundo mandato da Margarida nós tentamos, apoiamos o Inácio, eu pessoalmente fiz muita campanha pro Inácio. Acho que foi ruim pra Universidade a gente ter perdido, mas foi muito bom pra mim pessoalmente né, porque eu fui pro pós-doutorado minha carreira é fez um aprofundamento que eu não faria, porque estaria envolvida na política universitária, não teria jeito. Então esse afastamento da política universitária pra mim foi ótimo né, não sei se foi bom pra Universidade, mas de

alguma forma é houve muito dinheiro. Claro que o Reuni foi uma injeção de recurso, mas já estava crescendo muito né, o Siga, por exemplo, foi uma criação do segundo reitorado da Margarida, na época a gente tinha nenhum tostão que a gente criou o siga, só que você não tinha nem equipamento pra manter o Siga né, a rede de internet era muito lenta aí a gente chamava de Siga \*(Trecho inaudível), mas era um esforço que a gente fazia pra informatizar a Universidade, que foi feito na época das vacas magras. Claro que depois veio dinheiro, o CGCO, quem criou o CGCO foi Paulo Vilela que era o segundo reinado é é reitorado da Margarida.

[36:15] Eduardo: Isso foi quando mais ou menos?

[36:16] Claudia: Isso foi entre 2002, 2006. Foi nessa época que foi criado o Siga, ele foi informatizado tudo, só que não tinha dinheiro né, esse dinheiro que a gente tem hoje de agencia de fomento né, a gente não depende da Universidade pra dinheiro nenhum né, todo o nosso dinheiro vem do governo federal, da CNPQ, da FAPMIGUI, da FINEP, então se você é um pesquisador qualificado, você trás dinheiro pra Universidade inteira, o tempo todo né, a gente não pede dinheiro pra viajar, a gente não pede dinheiro, todos os computadores aqui do Lahps, equipamentos aqui do Lahps todos com dinheiro de projeto né, federais ou privados, no caso o laps tem financiamento privado. Mas é uma coisa que vem antes do Reuni, vem com os dois governos do Lula e o governo da Dilma.

[37:06] Eduardo: Entendi. Então se você pudesse analisar essa questão toda da Universidade nesse tempo que você está aqui, qual que seria o momento que você aponta como o melhor momento olhando por não só questão da infraestrutura, mas a questão dos próprios alunos a questão cultural né, o que seria esse momento chave importante pra universidade?

[37:30] Claudia: Eu não sei, acho que a UFJF começou a mudar mesmo nos anos 2000, transformou em uma outra Universidade acho que 2000 pra frente né, porque você tinha uma Universidade eu lembro quando eu era pró-reitora tinha pouquíssimos doutores, tinha cento e poucos doutores no Universo de mais de 1000, hoje você tem quase 100%. Então o que nós crescemos de 2000 pra cá, é um crescimento exponencial assim muito grande, e isso do ponto de vista acadêmico da missão da Universidade é a melhor época. É até pros estudantes porque você tem professores mais bem qualificados, é você pode fazer sua pós-graduação aqui, não era o meu caso. Na minha geração a gente tinha que sair né. A sua internacionalização é uma coisa que ta começando agora na UFJF e tem muito a caminha, nós estamos começando a

internacionalizar agora. Pois é, nós somos de uma geração que poucos falam inglês num é, e já a geração de vocês é quase todo mundo fala inglês, então é uma outra geração, então isso dificulta a internacionalização né e então é um momento é que eu acho que a nossa geração vai dá uma contribuição, mas não vai conseguir aqui na UFJF internacionalizar, acho que vai ser pra próxima geração né, o que está por vir. Agora o meu saudosismo me faz ter saudade da minha graduação né, mas isso é saudosismo puro, acho que em termos de Universidade melhor a melhor época foi de 2000 pra frente.

[38:56] Eduardo: E assim, a relação da Universidade com essa questão da extensão e com a própria comunidade adjacente, você chegou a falar do projeto, de certa forma nem era um projeto ligado a universidade era um projeto espírita tratado aqui no Dom Bosco, mas como é que você enxerga a participação da comunidade nos espaços da Universidade ao longo desse tempo também, ligando um pouco disso?

[39:16] Claudia: Eu acho que começou com a gestão da Margarida, do Rêner né é acho que 98 nós tivemos um grande uma grande mudança na Universidade, que foi o primeiro reitor eleito, que foi o Rêner. E o Rener reuniu, ele conseguiu reunir as oposições né , porque naquele momento da eleição que eu votei no Crivelari a esquerda se dividiu, então ganhou o Pacine, ganhou o Passarela, o passarela renunciou pelas pressões políticas e o vice dele o Pacine completou o mandato, depois candidatou-se e venceu. Então nós ficamos um período aí da direita, da extrema direita governando a Universidade até a primeira eleição em que a oposição se uniu. Não foi a primeira eleição direta, a direta foi que elegeu o Passarela né, mas foi a primeira eleição que a esquerda conseguiu se unir, PT, Antigo partidão, PMDB, a gente se uniu em torno do Rener, foi quando o Preto, professor Luis Antônio foi pró-reitor né de planejamento do Rener. A partir daí as coisas, a extensão ganha muito campo na Universidade a partir da gestão do Rener. Aí o Rener é governou 4 anos, depois 2 anos no mandato da Margarida, nesse período a extensão se ampliou muito. Aí foi criado o projeto boa vizinhança que era o dialogo com o entorno aqui, foi aberto o campus para a circulação da comunidade, é hoje é um problema pra nós os carros circulando aqui no anel viário. Mas na época foi um grande ganho pra cidade poder usar o campus como área de lazer, é a Margarida sempre falou que o campus da UFJF é a praia de Juiz de Fora né. Não tem paira, então vem todo mundo pra cá no Domingo né, não tem parque, cidade que não tem parque né, não tem parque pras pessoas se divertirem, então as pessoas vem pra cá. Acho que o Henrique Duque que aprofundou essa interação com a comunidade, principalmente o espaço do campus né, e mas

esses programas todos de extensão foram programas todos criados a partir do do reitorado do Rener, pró-reitor era Sonaet.

[41:08] Eduardo: Isso foi quando mais ou menos?

[41:09] Claudia: Isso foi 98 né, 98 em diante. E eu acho até que houve uma desaceleração dos programas de extensão, aí depois que a Margarida saiu, porque ela tinha um projeto de inserção na comunidade maior, a gente vê a comunidade vindo aqui no campus, até no momento da aprovação da lei de contas, por exemplo, movimento negro tava tudo aqui na discussão né, reunindo com a gente discutindo né. Você tinha uma interação com a comunidade maior do que se tem hoje. Hoje é mais assim parque de diversão pra comunidade.

[41:41] Eduardo: Ta certo. E então olhando essa questão mais do entorno e a questão da universidade com a cidade, como é que você analisa nesse período seu que você vem participando aqui, é uma cidade vive um pouco da Universidade apesar de não ser uma cidade muito que gira em torno da Universidade, a Universidade é muito importante pra cidade?

[42:02] Claudia: Ela é importante, mas eu acho que a cidade não usufrui muito do que a Universidade tem de bom, porque eu acho que você tem uma capacidade instalada aqui um corpo técnico, claro que toda a prefeitura vai convidar uma ou outro né pra ser o secretário né, geralmente essa pessoa foi formada aqui na Universidade. Mas eu acho que a Universidade tinha poderia prestar uma contribuição muito maior, nós temos poucos convênios né com prefeitura, convênios muito pontuais. É a prefeitura, por exemplo, do Custódio contratava consultoria de Belo Horizonte né, até pra fazer alguma reforma administrativa é ou pra dá um curso de formação, me lembro que eu e a Mônica fizemos um projeto de escrever um livro didático sobre a História de Juiz de Fora.

Eduardo: \*(Trecho Inaudível)?

[42:47] Claudia: é sobre o Iepd, fizemos o projeto e fomos é nos reunir com a secretária de educação pra dizer pra ela, que nós íamos ofertar aos professores 2 mil exemplares pros professores de História do município nossos livros, ela pouco se lixou. Falou assim, ah vocês vêm aí conversem com os professores. Aí nós fomos lá reunimos com os professores, os professores claro foram super receptivos e se não fosse os contatos que nós tínhamos lá na secretaria os livros nem seriam distribuído né. Então já oferecemos em outras gestões, por exemplo, oferecia curso de especialização para o professor da rede pública em convenio com

a Capes, quer dizer os professores receberiam uma bolsa e nós daríamos o curso para os professores, não houve interesse. Então é quem é de oposição é visto com desconfiança né, é tinha um padre antigo em Juiz de Fora, esqueci o nome dele, ele falava que Juiz de Fora é uma cidade que você não consegue vê ninguém crescendo no alto que você, como se fosse um pombo voando que você vai lá e atira naquele pombo para que ele caia logo né, sobre o risco dele ocupar o seu espaço né. Então não há uma colaboração entre prefeitura e Universidade, não há, eles são vistas como concorrentes. Então qualquer oferta que você faz, você é visto, ah você quer pegar meu emprego, você quer ser o secretário de educação né, ou você quer ganha a prefeitura. Então não há uma colaboração no sentido de nenhuma gestão, nem na gestão do Beijame, nem na gestão dos tucanos é na época que o ta, na primeira gestão do Tarcísio em 82 é a gente via tinha alguns professores na Universidade que eram secretários do Tarcísio. O Rubinho né das ciências sociais, a própria Margarida e tinham outros o Custódio, o Custódio não era professo, mas né tinham outros professores, Reginaldo Arcure que era professor aqui da casa né, mas depois disso houve um distanciamento progressivo e depois que os nossos ex-reitores começaram a ser candidatos, isso piorou né, o Rener foi candidato a prefeito e foi muito bem votado, não foi eleito, mas foi muito bem votado, e depois a Margarida né duas vezes. Acho que isso criou um clima de distanciamento ainda maior, porque todo prefeito via a Universidade como uma potencial ameaça né da oposição, e essa coisa essa parceria...

[45:04] Eduardo: A Universidade pode ser perigosa pro anseios do governo?

[45:07] Claudia: Acho que sim, principalmente as cidades que tem essa com é essa consolidação de empresas locais. Então você tem a família do Tarcísio, do Custódio, do Beijame né, o Bruninho que é um filho do Custódio né um filho herdeiro político do Itamar, aí quer dizer onde estaria o espaço da renovação, na Universidade.

[45:24] Eduardo: Muito provinciana né?

[45:25] Claudia: Muito Provinciana, o único espaço de renovação seria a Universidade, então eles vêm a Universidade com muita desconfiança aí o que seria uma parceria caba sendo um problema.

[45:34] Eduardo: Entendi. Agora assim, mas pensando na sua o que a Universidade possibilitou pra você de realização pessoal você acredita que foi...

[45:43] Claudia: Tudo. Devo minha vida a Universidade, tudo que eu consegui eu devo a Universidade é minha única fonte de renda (risos).

[45:51] Eduardo: E essa questão assim também de sonhos coletivos você acha que a Universidade também consegue, ela ainda encontra um pouco de dificuldades pra você pensar as coisas? Né, não sei.

[46:04] Claudia: Acho que já era né, acho que nós não temos mais projetos coletivos. É se as nossas coisas mudarem muito, acho que acho que não rola mais projetos coletivos nessa geração não. É os meus alunos foram caras pintadas né, já era meus alunos, eu era professora jovem, mas não participava porque era um movimento muito de estudante, da derrubada do Collor. E eu sentia acompanhava muito a diferença entre os dois movimentos, porque eu tinha participado da luta pelas diretas e depois meus alunos participando do impeachment. O impeachment foi um movimento construído pela rede Globo, a rede Globo queria depor o Collor e colocou a menina na rua. Então eu não participava porque eu achava os estudantes completamente usados pelos meios de comunicação né. Claro que aqueles meninos estavam ali tinham boas ideias, queriam mudar o Brasil, mas foi o ultimo projeto coletivo que a gente teve, ultimo projeto coletivo que eu vi meus alunos participando. Depois eu não vejo mais, eu tenho alguns alunos que são lideranças estudantis, mas é tudo muito isolado né é não se mobiliza, é claro isso depende do avanço da nossa democracia né. A partir do momento que a democracia vai ampliando, eu tenho expectativas de que haja maior envolvimento dos estudantes em algumas causas coletivas, mas não temos, não temos.

[47:25] Eduardo: É e assim a conquista mais subjetiva não sei talvez é qual que, como é que você enxerga o papel da ciências pra sociedade?

[47:35] Claudia: Olha eu acho fundamental, eu posso falar muito da ciência que eu pratico que é a ciência histórica né. Eu acho que é eu eu me sinto realizada como professora quando é eu vejo meus alunos é sendo aprovados em concursos de Universidade né. Isso é o que dá mais orgulho ao professor quando você vê um ex-aluno se doutorando tornando professor de uma grande universidade, já tenho vários. Porque é sinal que você formou aquela pessoa até o topo da cadeia né, claro que a maioria a gente não forma pra ser doutor, pra ser professor universitário. A maioria a gente forma pra dá aula no ensino básico fundamental e médio, e quando eu vejo algum aluno se destacando, por exemplo, eu tenho um ex-aluno professor do Jesuíta e que faz um grande projeto lá, ou professor do Stela, ou mesmo professor de uma

escola pública que ganha mal pra caramba né, mas que desenvolve um super projeto. Eu tenho um aluno que desenvolve um super projeto Santa Bárbara né, que envolve a comunidade isso aí a gente se sente bem né, aí você sente a ciência transformando a realidade né, aqueles professores os que são doutor estão formando outros professores, os que estão na escola pública estão formando cidadãos e os que estão na escola privada também tão formando cidadãos da elite, mas tão formando. Então eu formo pessoas pra essas pra esses três campos né, pra essas três esferas. E eu acho que esse é o grande contributo que a gente dá enquanto historiador, porque eu acho que a história transforma, acho não, tenho certeza! A história transforma e se você tá formando historiador, você está transformando o mundo.

[49:17] Eduardo: Com certeza. Então é uma ultima pergunta pegando um pouco esse gancho do 51, 52 anos da Universidade como é que você conquistas de longo prazo né, como é que você imagina a faculdade daqui a 10, 20, 30, 40, 50 anos?

[49:32] Claudia: Ah eu não tenho a mínima habilidade pra ficção científica, mas eu acho que, eu acho que essa questão da internacionalização vai ficar maior do que a gente imagina.

Eduardo: uhum!

[49:42] Claudia: Eu tenho notado uma coisa que tá muito incipiente ainda que a vinda de professores estrangeiros disputando nossas vagas aqui, porque a Europa está numa crise econômica enorme né e já estou vendo alguns professores franceses aí, espanhóis, portugueses, disputando concursos aqui e levando né. Então países que tem uma ciência histórica mais madura né, estão disputando concurso com a gente e estão levando as vagas. Então eu acho que isso vai, eu acho que o Brasil vai ser um grande país receptor de imigrantes se continuar nesse pique né. Hoje a presidenta de república está em Portugal comprando estatais portuguesas né, isso não é nada né nada é uma pratica imperialista que acaba resultando na vinda de imigrantes pra cá, os haitianos já vieram, os bolivianos estão vindo, antes estavam vindo só pobre agora está vindo a elite também né, dentista, médicos né estão vindo. Então eu acho que o Brasil vai viver um processo semelhante dos Estados Unidos de grande recepção de imigrantes, porque está num país de pleno emprego e o mundo todo tá desemprego. O país tá crescendo e não tem mão de obra qualificada, mão de obra qualificada que tá fora vai vim pra cá óbvio, tá ocupando esse espaço. Porque os médicos estão indignados com os cubanos que estão vindo, eles não dão conta os vazios de poder e os cubanos estão querendo ocupar esse espaço vazio é assim no mundo inteiro essa imigração de

trabalho, sem o governo incentivar eles viriam de qualquer jeito né e ocupariam como os dentistas brasileiros foram ser dentistas em Portugal uns anos atrás quando o Brasil estava em crise, hoje estão vindo os médicos. Então eu acho que as universidades vão se tornar muito internacionais no Brasil. Alunos estrangeiros, nós estamos recebendo aqui na pós alunos estrangeiros, eu acho que isso vai crescer muito. Alunos que vão querer vim aqui não como refugiado, que refugiados a gente já tem a muito tempo, mas vêm estudar, prestar concurso aqui, acho que da América Latina vem muito, daqui a pouco vem da Europa, da parte pobre da Europa. Então acho é é vai vim muitos estudantes estrangeiros, vai haver uma internacionalização do país, eu acredito isso. E como a Universidade está se projetando estão vindo universidades estrangeiras pra cá investir, tem universidades não sei se vocês sabem que já tão com aplicação na bolsa. Universidades privadas que estão com aplicação na bolsa, que abriram capital pra você aplicar. Então elas estão comprando universidade privadas aqui no Brasil, to a Estácio de Sá, você ache que tá estudando na Estácio, mas você tá estudando numa universidade estrangeira. A Estácio é só o nome fantasia, tem um capital estrangeiro ali aberto na bolsa de valores, então isso tá aumentando muito. Eu sei porque eu sou avaliadora do Inpe, eu avalio universidades do Brasil inteiro e muitas dessa universidades que eu avalio são estrangeiras que tem uma marca fantasia mas você não sabe que ela é estrangeira. É claro que o avaliador vai saber porque ele tem essa documentação em cartorial, a gente sabe que a universidade é estrangeira, e tá com o nome de fantasia oferecendo por exemplo curso a distancia pro Brasil inteiro. Então eu acho que vão, vão surgir como o mercado está aberto, uma séria de universidades estrangeiras vão vim pra cá, já estão vindo, estão comprando as universidades privadas, estão comprando as PUCs que estão falidas e investindo capital nessas universidades se valendo do Prouni e do Fies que um dinheiro do estado pra essas universidades particulares. Se valendo desse grande recurso e jogando seus tentáculos aqui. Não há controle disso, precisa aumentar esse controle, quer dizer o governo acha que ele resolve isso expandindo o ensino público, expandiu bastante, mas não expandiu o suficiente. Então se ele, não adianta ele só expandir, ele tem que controlar a entrada do capital estrangeiro no capô da educação.

Eduardo: porque o Prouni que seria pras faculdades \*(Trecho inaudível)

Claudia: Mas não é isso que está contecendo, só que as pessoas não perceberam ainda porque elas usam muito marca de fantasia. Outro dia eu li que a Harvard está investindo no Brasil. A Harvard quer construir subsidiarias aqui e isso vai, quer dizer, provavelmente vai falir a FGV,

vai falir as outras universidades privadas que são grandes, ou elas vão ser compradas pela Harvard e vão usar a marcar da Harvard, mas no fundo não vai ser mais capital nacional. Eu acho que vai haver uma internacionalização do mercado de ensino privado no Brasil e vai haver uma internacionalização de alunos e professores no ensino público. É isso que eu vejo assim em 5 ou 10 anos, agora a partir daí eu não consigo prever.

[54:00] Eduardo: Nossa muito bom Claudia pela entrevista, eu queria te agradecer.

[54:04] Claudia: Vocês me desculpam aí ter adiado tanto, mas é essa correria do Lahps.

[54:08] Eduardo: Não, tem nenhum problema não.